

Um

1

O passageiro de idade sentado do lado da janela norte daquela carruagem de um comboio em andamento inexorável, ao lado de um e em frente de outros dois lugares vazios, era, nada mais nada menos, o Professor Timofey Pnin. Idealmente calvo, bronzeado, bem escanhado, começava, de um modo impressionante, por uma grande cúpula morena, óculos de tartaruga (a disfarçar uma infantil ausência de sobrancelhas), beijo superior simiesco, grosso pescoço e um tronco de homem forte metido num casaco justo de *tweed*, mas terminava, de um modo algo frustrante, por um par de pernas delgadas (metidas em fazenda e cruzadas) e uns pés de aspeto frágil, quase femininos.

As peúgas lassas eram de lã encarnada aos losangos lilases; os sapatos conservadores, clássicos, tinham-lhe custado quase o mesmo que o resto das roupas (incluindo a vistosa gravata à malandro). Antes dos anos quarenta, durante a calma época europeia da sua vida, sempre usara ceroulas com as extremidades enfiadas nos elásticos das peúgas de seda de cor sóbria, com um desenho de lado e de boa qualidade, esticadas por ligas ao longo das pernas vestidas de algodão. Nesses tempos, revelar um vislumbre dessa roupa interior branca por ter puxado demasiado a perna das calças teria sido para Pnin tão indecente como aparecer diante de senhoras desprovido de colarinho e gravata; pois mesmo quando a entradota Mme. Roux, a porteira do mísero prédio de apartamentos do Sixième Arrondissement

de Paris — onde Pnin, depois de ter escapado à Rússia leninizada e completado a sua educação superior em Praga, passara quinze anos —, calhara de vir pedir a renda estando ele ainda sem o seu *faux col*, o pudico Pnin cobriu com uma mão casta o seu botão do colarinho. Tudo isso sofreu uma transformação na atmosfera impetuosa do Novo Mundo. Agora, com cinquenta e dois anos, era doido por banhos de sol, usava camisas desportivas e calças largas e quando cruzava as pernas tinha o cuidado de, deliberadamente, descaradamente, mostrar uma porção tremenda de pele nua. Podia ter aparecido assim a um companheiro de viagem; mas, tirando um soldado a dormir numa ponta e duas mulheres absortas num bebé na outra, Pnin tinha a carruagem para si.

Neste ponto há que partilhar um segredo. O Professor Pnin estava no comboio errado. Não sabia, nem o revisor, que já corria o comboio a caminho da carruagem de Pnin. Em boa verdade, nesse momento Pnin sentia-se muito satisfeito consigo próprio. Ao convidá-lo para dar uma das conferências dos serões de sexta-feira em Cremona — umas duzentas verstás a oeste de Waindell, o poleiro académico de Pnin desde 1945 —, a vice-presidente do Clube Feminino, uma tal Miss Judith Clyde, advertira o nosso amigo de que o comboio mais conveniente partia de Waindell às 13.52, com chegada a Cremona às 16.17; mas Pnin — que, como tantos russos, tinha um gosto imoderado por tudo o que se refere a horários, mapas, catálogos, colecionava-os, entregava-se-lhes de alma e coração com o prazer refrescante de obter algo por coisa nenhuma e sentia um particular orgulho em organizar horários para si próprio — descobrira, após algum estudo, uma discreta referência relativa a um comboio ainda mais conveniente (Part. Waindell 14.19, Cheg. Cremona 16.32); a referência indicava que às sextas, e apenas às sextas, o das duas e dezanove parava em Cremona a caminho de uma cidade distante muito maior, igualmente abençoada por um doce nome italiano. Infelizmente para Pnin, o horário já tinha cinco anos e estava em parte obsoleto.

Ensinava Russo no Waindell College, instituição algo provinciana caracterizada por um lago artificial no meio de um terreno ajardinado, galerias de trepadeiras a ligar os diversos edifícios, murais a mostrar membros famosos da faculdade no ato de passarem o teste-

munho do saber de Aristóteles, Shakespeare e Pasteur a um punhado de rapazes e raparigas rurais de constituição monstruosa, e por um Departamento de Alemão enorme, ativo, ruidosamente dinâmico a que o seu Chefe, o Dr. Hagen, chamava com afetação (pronunciando muito distintamente cada sílaba) «uma universidade dentro da universidade».

No primeiro semestre desse particular ano (1950), as inscrições nos cursos de Língua Russa consistiam em uma aluna, a gorducha e franca Betty Bliss, no Grupo de Transição, um, um mero nome (Ivan Dub, que nunca se materializou), no Superior, e três no florescente Elementar: Josephine Malkin, cujos avós tinham nascido em Minsk; Charles McBeth, cuja memória prodigiosa dispunha já de dez línguas e se preparava para sepultar outras dez; e a lânguida Eileen Lane, a quem alguém tinha dito que, uma vez dominado o alfabeto russo, praticamente já se podia ler «Anna Karamazov» no original. Como professor, Pnin estava longe de poder competir com essas estupendas damas russas, espalhadas por toda a América acadêmica, que, sem terem tido uma preparação formal, de algum modo conseguem, à força de intuição, loquacidade e uma espécie de impulso maternal, infundir um conhecimento mágico da sua difícil e bela língua num grupo de estudantes de olhos inocentes e numa atmosfera de canções da Mãe Volga, caviar vermelho e chá; nem tão pouco Pnin, como professor, presumira jamais aproximar-se dos majestosos salões da moderna linguística científica, essa ascética irmandade de fonemas, esse templo onde se ensina a jovens empenhados não a língua propriamente dita, mas o método de ensinar outros a ensinar esse método; método que, qual cascata a cair de rochedo em rochedo, deixa de ser um meio de navegação racional mas talvez, num qualquer futuro de fábula, possa tornar-se um instrumento de dinamização de dialetos esotéricos — Basco Elementar e quejandos — falados apenas por certas máquinas elaboradas. A abordagem de Pnin ao seu trabalho era sem dúvida amadorística e superficial, já que dependia de exercícios de uma gramática produzida pelo Chefe do Departamento de Estudos Eslavos num estabelecimento muito maior do que Waindell — um trapaceiro venerável cujo Russo era uma anedota mas que, generosamente, emprestava o seu digníssimo nome a produtos da anónima labuta. Pnin, a despeito das suas muitas

limitações, possuía um encanto à antiga que desarmava e que o Dr. Hagen, o seu fiel protetor, apresentou com insistência perante uns administradores tacanhos como um delicado artigo de importação que valia a pena pagar com dinheiros da casa. Embora o diploma em Sociologia e Economia Política que Pnin tinha obtido com alguma pompa na Universidade de Praga por volta de 1925 fosse já, pelos meados do século, um doutoramento obsoleto, ele não era inteiramente contraindicado para professor de Russo. Era estimado, não por alguma capacidade essencial, mas pelas suas inesquecíveis dissertações, quando decidia tirar os óculos para focar o passado enquanto massajava as lentes do presente. Nostálgicas excursões em inglês macarrónico. Nacos autobiográficos. Como Pnin veio para os *Soedinyon nïe Shtatï* (os Estados Unidos).

— Exames no navio antes de desembarcar. Muito bem! «Nada a declarar?» «Nada.» Muito bem. Depois, as perguntas políticas. Ele pergunta: «É anarquista?» Eu respondo — tempo dedicado pelo narrador à articulação de um saboroso riso mudo — «Primeiro, o que entendemos nós por “anarquismo”? Anarquismo prático, metafísico, teórico, místico, abstrato, individual, social? Quando eu era novo», digo, «tudo isso tinha para mim significado.» Tivemos então uma discussão muito interessante em consequência da qual passei duas semanas inteiras em Ellis Island — abdómen que começa a agitar-se; agitação; narrador convulso.

Mas havia sessões ainda melhores no aspeto do humor. Com um ar de tímido secretismo, o benevolente Pnin, preparando as crianças para a maravilhosa guloseima que ele outrora provara, revelando já, num sorriso incontrolável, um conjunto incompleto mas formidável de dentes amarelados, abria então um dilapidado livro russo num elegante marcador de pergamoide que tivera o cuidado de ali colocar; abria o livro, ao que, uma vez por outra, um olhar de consternação extrema alterava os seus traços fisionómicos; embasbacado, com um modo febril, saltava o volume para a esquerda e para a direita e passavam minutos antes que encontrasse a página certa, ou se certificasse de que afinal a marcara corretamente. De costume, a passagem da sua predileção era de alguma velha comédia ingénua de costumes da classe mercantil, montada por Ostrovski há quase um século, ou de uma peça, igualmente antiga mas ainda mais data-

da, de trivial alacridade leskoviana dependente das contorções verbais. Debitava estas mercadorias rançosas com o prazer rotundo do clássico Alexandrinka (um teatro de Petersburgo) e não com a simplicidade fresca dos Artistas de Moscovo; mas como, para apreciar qualquer piada que restasse ainda nessas passagens, era preciso ter-se não somente um sólido conhecimento do vernáculo como também uma boa perspectiva literária, e como a sua turmazinha não tinha nenhuma destas coisas, o declamador era o único a fruir a subtileza das associações do seu texto. A agitação que já referimos num outro contexto tornava-se aí um verdadeiro terramoto. Dirigindo a sua memória, com todas as luzes acesas e todas as máscaras mentais em exercício, para os dias da sua juventude ardorosa e recetiva (num cosmos luminoso que parecia muito mais fresco por ter sido abolido por um único golpe de vento da história), Pnin embebedava-se com os seus vinhos privados enquanto fornecia, uma após outra, amostras do que os seus auditores tinham a delicadeza de tomar por humor russo. Por fim o gozo tornava-se-lhe excessivo; lágrimas em forma de pera escorriam pelas suas faces morenas. Não apenas os seus impressionantes dentes como também uma quantidade espantosa de tecido róseo acima das gengivas saltavam subitamente para fora, como um boneco de mola que se soltasse, e a sua mão voava para a boca ao mesmo tempo que os seus ombros abanavam e rodavam. E embora o discurso que retinha atrás da sua mão dançante fosse já indubitavelmente ininteligível para os alunos, a completa rendição ao seu próprio regozijo revelava-se irresistível. Quando ele já não podia mais estavam os seus alunos perdidos de riso, com latidos abruptos de hilaridade mecânica vindos de Charles, e um estonteante fluxo de riso inesperadamente belo transfigurava Josephine, que não era bonita, ao passo que Eileen, que o era, se diluía numa geleia de despropositada risota.

Tudo isso não altera, porém, o facto de Pnin ir no comboio errado.

Que diagnóstico havemos de fazer do seu triste caso? É particularmente de salientar que Pnin era tudo menos do tipo da beatitude germânica bondosa do século passado, *der zerstreute Professor*. Pelo contrário, era talvez demasiado cauteloso, demasiado persistente na busca de armadilhas diabólicas, demasiado aplicado na vigilância, não fosse o incerto ambiente (imprevisível América) induzi-lo em escanda-